



VOZ DA FÁTIMA

Peregrinos de Esperança

EDITORIAL

O dever de preservar a memória

Padre Carlos Cabecinhas

O Museu do Santuário de Fátima, criado em 1955, pelo então bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, celebra, neste mês de agosto, o seu 70.º aniversário. Nasceu para preservar a memória dos acontecimentos e protagonistas de Fátima, dos seus peregrinos e da história centenária do Santuário, que vai muito além dos limites geográficos do lugar onde está implantado.

Os Estatutos do Santuário referem como sua missão “preservar a memória do acontecimento fundante do Santuário de Fátima, da história do lugar e da vivência dos peregrinos, estudando e fomentando o estudo das fontes documentais e custodiando o património que a evoca” (Art. 7.º, h). E, noutro artigo, referente às grandes opções pastorais do Santuário, reafirma-se: “enquanto memória viva e eficaz da obra de Deus na história humana, o Santuário de Fátima deve preservar a memória dos acontecimentos fundantes, aprofundando o seu significado, e deve documentar a história deste lugar, enquanto testemunho de fé daqueles que aqui peregrinam” (Art. 19.º, h). O Museu é uma excelente concretização desta missão do Santuário e constitui clara opção pastoral, ligada à sua própria identidade. Não se trata, pois, de uma excentricidade do Santuário, mas de uma responsabilidade própria não negligenciável.

Preservar a memória é tarefa fundamental para a preservação da identidade seja das pessoas seja das instituições e é uma responsabilidade quer em relação à geração atual quer às gerações vindouras. No âmbito do Cristianismo, fazer memória faz parte da própria identidade, em virtude do caráter histórico da revelação divina, que culmina na encarnação do Verbo de Deus.

O Museu do Santuário não é um espaço num edifício do Santuário: desenvolve a sua ação em diversos âmbitos, que vão desde a exposição permanente, no edifício da Reitoria, à exposição temporária, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade, passando pelas reservas, que conservam o vasto espólio constituído sobretudo pelas ofertas dos peregrinos; tem a responsabilidade pelas casas do Pastorinhos, na aldeia de Aljustrel, e pela preservação do património nos vários espaços do Santuário; assume a publicação de estudos sobre o património e as obras de arte do Santuário, além de colaborar com várias entidades.

Ao longo dos seus 70 anos de existência, o Museu do Santuário de Fátima tem sido e continuará a ser um meio privilegiado para dar a conhecer Fátima e apresentar a sua mensagem com a linguagem da arte e a via da beleza, permitindo chegar a pessoas que, de outro modo, dificilmente contactariam com Fátima e a sua mensagem.

O grande arquivo da memória de Fátima nasceu há 70 anos

Museu do Santuário de Fátima foi criado a 13 de agosto de 1955, por D. José Alves Correia da Silva. Homem de visão, o bispo de Leiria percebeu que guardar a memória era uma porta aberta para o futuro.

Patrícia Duarte



Em 2023, só a Casa dos Santos Francisco e Jacinta Marto, em Aljustrel, recebeu 211.963 visitantes. O número é superior ao de equipamentos culturais tão importantes como o Panteão Nacional, o Palácio Nacional de Mafra ou o Museu Nacional de Arte Antiga, de acordo com as estatísticas disponibilizadas pelos Museus e Monumentos de Portugal.

Em relação a 2024, ainda não foi divulgado o registo de entradas nos museus e monumentos nacionais, mas nos quatro espaços museológicos do Santuário de Fátima — exposição permanente, exposição temporária, Casa dos Santos Francisco e Jacinta Marto e Casa da Irmã Lúcia — o volume de visitantes prosseguiu uma trajetória ascendente, tendo rondado o milhão.

Foi há 70 anos, a 13 de agosto de 1955, que D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, redigiu a carta fundacional do que, na ocasião, foi designado de “Museu-Biblioteca do San-

tuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima”.

O interesse que os quatro núcleos museológicos suscitam revela que D. José Alves Correia da Silva era “um homem de grande visão”. “Tinha uma clara noção do que é, não apenas um museu, mas do que é um museu dentro de uma instituição religiosa e a consciência de como é que podia ser útil ao próprio Santuário de Fátima, em diferentes perspetivas”, sublinha Marco Daniel Duarte, diretor do Museu.

Quanto aos propósitos inerentes à fundação, considera que se mantêm atuais. O Museu nasce com o desafio de “não deixar morrer os testemunhos materiais que ainda restavam do tempo das aparições”. Nos anos 50, o Santuário sofria profundas alterações, ganhava uma nova fisionomia e internacionalizava-se, pelo que era fundamental “não deixar desaparecer esses testemunhos

da primeira hora de Fátima e, ao mesmo tempo, olhar para as novas expressões artísticas que o Santuário ia tendo e valorizá-las”.

Outro aspeto importante, subjacente à carta fundacional do Museu, era a recolha das expressões de culto dos peregrinos de Nossa Senhora de Fátima. “Há aqui um programa que pensa no passado, pensa no presente daquela época e perspetiva claramente o futuro”, sublinha o diretor do Museu.

“O que estava na mente de D. José era fazer um grande arquivo da memória deste lugar, sabendo que as instituições só prevalecem se acautelarem a sua memória, porque é isso que lhes dá consciência do que elas são”, afirma.

Volvidos 70 anos, mudaram os conceitos e as formas de abordar os objetos, as ciências do património trouxeram mais responsabilidades, mas a pertinência e relevância do Museu permanece.

A história de Fátima contada pelas

Os espaços museológicos do Santuário revelam a “relação umbilical” dos peregrinos com Nossa Senhora, permitindo-lhes uma outra experiência do sagrado.

Patrícia Duarte

Todos os anos, o Museu do Santuário de Fátima recebe centenas de objetos pessoais dos peregrinos. Independentemente da sua valia material, todos são recebidos e analisados com a mesma dignidade. É o centro de tratamento de ofertas do Museu que os recebe e, posteriormente, inventaria e documenta para que a informação perdure no tempo.

São estes objetos pessoais, oferecidos pelos peregrinos, que dão corpo à exposição permanente do Museu do Santuário de Fátima, situada no edifício da Reitoria. Conhecida como o tesouro de Nossa Senhora, a exposição evidencia a relação umbilical que os fiéis mantêm com a Virgem de Fátima e com os Pastorinhos.

A exposição, de uma enorme riqueza e diversidade, mostra apenas uma parte do espólio do Museu, onde se encontram objetos tão variados como um par de óculos, oferecido por alguém que atribuiu a Nossa Senhora a graça de ver melhor, uma bengala que já não é necessária, uma chupeta, umas botinhas ou uma primeira fralda de um bebé.

Neste espólio cabe toda a utensilagem humana que permite materializar em objetos o agradecimento dos peregrinos. É a capacidade de dignificar “a relação entre a entidade cultuada e aquele que lhe presta culto”, bem como as histórias de vida



por detrás de cada oferta, que tornam este museu especialíssimo, nas palavras do seu diretor, Marco Daniel Duarte.

A mais inusitada das peças

Embora todas as peças tenham a mesma dignidade — a mais comum das rendas vale tanto como a de bilros ou como uma tapeçaria de Arraiolos —, não podem, todavia, ser submetidas ao mesmo tratamento. A materialidade da peça determina diferentes ações por parte da equipa de conservadores. “Uma peça de metal precioso perdurará mais tempo do que uma peça de plástico, porque os plásticos deterio-

ram-se com muita facilidade”, exemplifica o diretor do Museu.

A forma de acondicionar os artigos está, então, relacionada com a sua materialidade. Há ofertas que constituem verdadeiros desafios para os conservadores. A matéria orgânica é disso exemplo: fios de cabelo, tranças ou até um cordão umbilical que constitui a peça de conservação mais complexa até hoje oferecida ao Museu.

Os bens percíveis são igualmente de tratamento complexo. Um tabuleiro de pão ou uma rosa natural — dois exemplos de ofertas recebidas — são de preservação muito difícil. Mesmo as ofertas cuja conservação não é possível e que, por

essa razão, são abatidas não o são “sem terem todo um registo que as vai fazer perdurar, uma vez que a relação da pessoa que oferece aquela peça fica completamente documentada na nossa Instituição”, explica.

A par das ofertas dos peregrinos, ao longo do tempo, o Museu foi constituindo um outro espólio que interessou guardar. Marco Daniel Duarte dá como exemplo os documentos associados à construção do Santuário, nomeadamente as maquetas que os arquitetos apresentaram no momento de fazer um novo edifício. “Tudo isso é prova documental da organização do Santuário; e o lugar para preservar esses objetos é, obviamente, o Museu”, acrescenta.

A metáfora do museu

O conteúdo da exposição permanente faz jus ao nome, pelo que não se verifica a entrada e saída de peças. A única exceção foi a introdução das ofertas dos Papas ao Santuário, nomeadamente as rosas de ouro oferecidas por Bento XVI e por Francisco.

A oferta papal mais singular encontra-se incorporada numa peça que já integrava o acervo do Museu e que se encontrava exposta. A bala que atingiu João Paulo II, no atentado de que foi vítima, na Praça de São Pedro, em 1981, foi introduzida na coroa de Nossa Senhora. Sendo difícil a um diretor de museu apontar um objeto de eleição, neste caso, Marco Daniel Duarte não hesita em dizer que é a coroa, “pela transversalidade da sua história, não apenas relacionada com Fátima, mas com a Igreja ao nível universal”.

“Para além de ser uma coroa preciosa, passou a ser um relicário, porque contém uma bala que atingiu uma figura da Igreja que já está canonizada; tem toda esta simbologia”, frisa Marco Daniel Duarte.

Ao mesmo tempo, a coroa é também lida como a peça síntese do Museu. Concebida com pedras preciosas que as mulheres portuguesas doaram à Virgem de Fátima, entre as quais se incluem diamantes, safiras, rubis, pérolas e turquesas, a coroa comporta, depois, uma bala que não tem valia material, mas que tem enorme valia simbólica. “Naquela coroa, vemos a metáfora do que é a exposição permanente do Museu do Santuário, nenhuma daquelas peças vale mais do que a outra”.

Viagem surpreendente

Com características e conteúdos expositivos diferentes, os quatro espaços museológicos do Santuário oferecem

ofertas dos peregrinos



uma única viagem a quem os procura. “É a viagem que Fátima propõe e, na minha opinião, Fátima apresenta uma reflexão sobre o que é a peregrinação humana”, afirma Marco Daniel Duarte.

O Museu cumpre a sua função ao constituir-se também como metáfora dessa caminhada terrena e fá-lo a partir dos vários braços que o compõem: a exposição permanente e a relação inefável dos peregrinos com Nossa Senhora, materializada através de objetos, as casas de Francisco e Jacinta Marto e de Lúcia de Jesus, que revelam a biografia concreta de protagonistas e agentes nessa peregrinação humana, e a exposição temporária, através de temáticas cirurgicamente escolhidas, que acompanham as intenções do Santuário em cada momento da sua história desta última década.

Para Marco Daniel Duarte, o Museu coloca o Santuário em diálogo não só com os peregrinos, mas também com aqueles que vêm em busca de conhecimento ou atraídos pela linguagem da beleza que Fátima também cultiva. Acredita que “essa é uma viagem de que muitas vezes não se está à espera”. Para o peregrino ou visitante é expectável encontrar o tesouro de Nossa Senhora ou ex-votos. Mas

deparar-se com “um discurso feito não apenas de palavras mas também de objetos, de documentos, e encontrar uma narrativa que o leva a pensar o que não espera e para o qual, muitas vezes, não está preparado”.

Esta é a base do conceito de “museologia da contemplação” em que tem trabalhado e que “abre espaço para que o tempo pare e para que o visitante se confronte com as temáticas que são fundamentais não apenas para Fátima, não apenas para a Igreja Católica e para o Cristianismo mas também para todos aqueles que se entendem como membros desta humanidade”. A museografia completa esse trabalho e “leva a que os peregrinos se sintam a ouvir a mais bela das homilias ou o mais belo dos poemas sobre Fátima, sem o sentirem de forma impositiva”, refere.

A experiência do sagrado

Mesmo sabendo que o testemunho material, ou seja, o que fica, é sempre menos do que aquilo que se vivencia no Santuário, Marco Daniel Duarte defende que esse corpo teórico contribui para a tomada de consciência da importância do lugar. Nesse sentido, o Museu entronca

no grande objetivo do Santuário que é a difusão e o conhecimento do fenómeno de Fátima.

Ao mesmo tempo, o Museu do Santuário vai ao encontro do que a museologia defende atualmente: um museu feito pelas comunidades.

E se, por um lado, é do senso comum que os santuários são lugares onde os peregrinos entregam objetos, por outro, não tem sido tão linear a ideia de que essas coleções de peças são também elas lugares de comunicação, de ciência, de conhecimento e de difusão.

D. José Alves Correia da Silva viu essa enorme oportunidade na década de 50 do século passado. Porém, nem todos os santuários perceberam que esta “é uma das formas mais privilegiadas de comunicação” e que “estão a perder uma grande ferramenta para fazerem perdurar a memória e para comunicarem a própria identidade”.

Outro aspeto que contribui para a relutância no investimento em museus é a ideia de que podem afastar as pessoas da devoção e que se assiste a uma dessacralização do objeto religioso quando ele deixa de estar numa igreja e passa a estar num museu. Marco Daniel Duarte não podia opor-se mais a

essa ideia. A esse propósito, relata um episódio que o marcou aquando da exposição temporária sobre a Imagem de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições. “Era uma exposição de uma escultura que não podia estar na exposição, obviamente”. Contudo, a peça ausente estava presente em todos os núcleos através de diferentes elementos da Imagem que eram explorados. No dia em que se completavam 100 anos da chegada da escultura à Cova da Iria, determinou-se que ela estaria de manhã na celebração e à tarde na exposição temporária. “Naquela tarde, só naquela tarde, a exposição ficaria completa”, esclarece.

Recorda que se formaram filas imensas, pois o visitante podia estar mais perto da escultura de Nossa Senhora do que quando vem à Capelinha das Aparições. “O Museu aqui serviu de ponte ainda mais estreita do que a própria estratégia da Liturgia ou do espaço litúrgico”, sublinha.

Na fila enorme encontrava-se uma peregrina com um cão. Era cega. “Quis estar diante daquela imagem que não via, mas que via de outra maneira. O Museu foi facilitador do encontro entre os peregrinos e o objeto que consideravam sagrado. E isto talvez possa resumir o que é um museu”.

Por fim, Marco Daniel Duarte sublinha que a forma de levar o peregrino “à experiência do sagrado não é apenas aquela que se faz dentro das igrejas, que é fundamental, obviamente, mas é também aquela que se pode fazer dentro do museu”. Em Fátima, essa convicção teve o seu primeiro defensor há 70 anos. Sem o “grande arquivo da memória” que D. José Alves Correia da Silva, a par da Biblioteca e do Arquivo, fundou em 1955, o fenómeno das aparições e o próprio Santuário não teriam a projeção que hoje detêm à escala mundial.

ALGUMAS PEÇAS DA EXPOSIÇÃO PERMANENTE

ACORDEÃO
de Eugénia Lima



BOTA DE PRATA
oferecida pela mãe de Nuno Gomes



TERÇO
com fragmentos do Muro de Berlim

SARI
oferecido à Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima

CUSTÓDIA
oferecida pelos católicos polacos

PICARETA
dos mineiros do Pejão

TRAJE ACADÉMICO

CRISTO CRUCIFICADO
comemorativo dos 500 anos da evangelização da Guiné

ROSÁRIO E LENÇO
usados por João Paulo II



Visita guiada à biblioteca literária de Fátima

Agripina Carriço Vieira estudou a forma como a literatura vê um dos mais marcantes acontecimentos da História de Portugal. O resultado foi agora publicado em livro, com a chancela do Santuário de Fátima.

Patrícia Duarte

José Saramago, Agustina Bessa-Luís e Valter Hugo Mãe são alguns dos nomes que constam de uma vasta lista de autores de língua portuguesa a quem o fenómeno religioso de Fátima captou o interesse, moldou personagens e ajudou a tecer enredos.

Agripina Carriço Vieira estudou a presença das aparições na prosa em língua portuguesa e contabilizou mais de 600 livros e textos escritos, assinados por 378 autores, crentes e não crentes.

O estudo deu origem ao livro *Nos corredores da biblioteca de Fátima — os olhares dos prosadores*, lançado, em julho passado, no Curso de Verão do Santuário de Fátima, com a apresentação de Guilherme d'Oliveira Martins, que também prefaciou a obra.

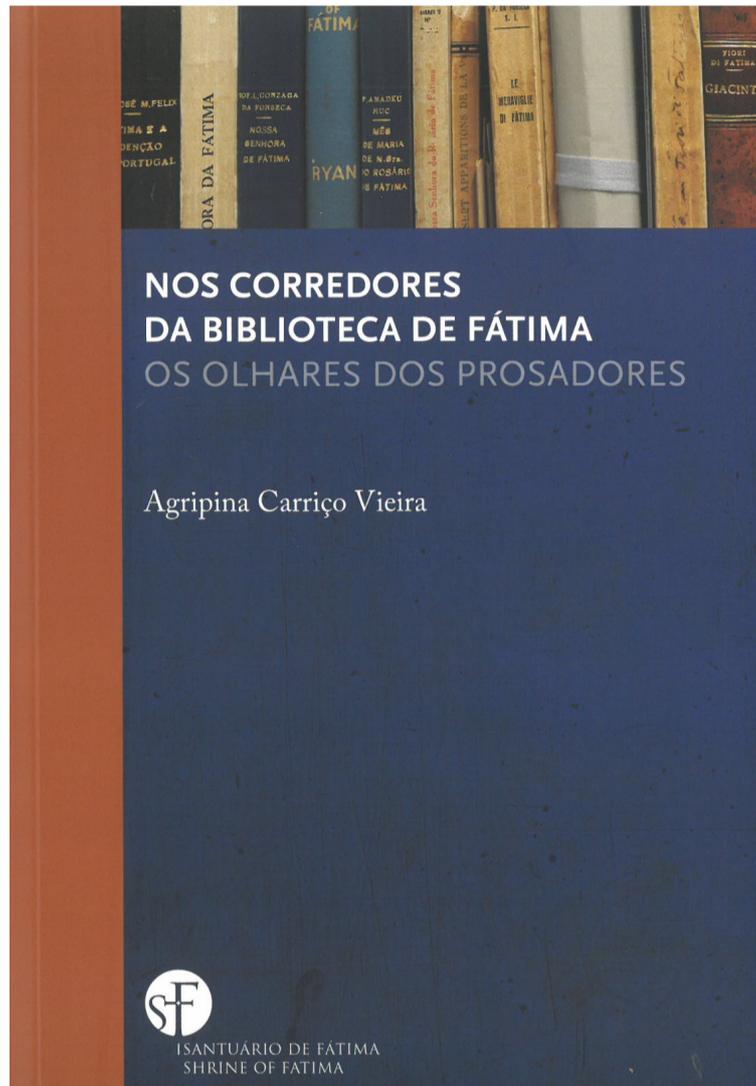
Ao debruçar-se sobre a forma como a literatura vê o acontecimento de Fátima, numa minuciosa observação ao discurso, Agripina Vieira afirma que a sua intenção é revelar “o contributo da prosa para a compreensão e análise de um acontecimento histórico”. A autora acredita que “percorrer os livros da biblioteca literária de Fátima é aproximarmo-nos da percepção de um acontecimento estruturante da nossa identidade”.

O resultado é um caleidoscópio de abordagens e perspectivas, visível em registos discursivos sarcásticos como o de Fernando Pessoa, neutros como o de Almada Negreiros ou apologeticos como o de Maria Lamas.

Da análise realizada fica evidente que “as experiências sobrenaturais vivenciadas por três crianças na Cova da Iria são um poderoso ativador do imaginário individual e coletivo”, descreve a autora.

Saramago, Agustina e Valter Hugo Mãe

Fátima é transversal a todos os géneros literários e embora



o tema inspire peças de teatro e poemas, foi na prosa em língua portuguesa que Agripina Vieira se deteve e sobre a qual, em exclusivo, centrou o olhar.

Na impossibilidade de retirar os mais de 600 livros da estante e transpô-los para a edição que agora deu à estampa, a professora e investigadora, doutorada em Estudos Literários e Culturais, propõe um percurso pelas obras em função da temática abordada, do registo discursivo e da relevância do tema para a economia da narrativa.

Por ser igualmente impossível trazer esse *corpus* para as páginas deste jornal, fica a partilha fugaz de três autores a quem as aparições inspiraram na criação de personagens.

José Saramago é um dos autores que merece destaque na biblioteca de Fátima. No romance de 1984 *O ano da morte de Ricardo Reis*, não só aborda o tema, como lhe de-

dicar um dos capítulos finais.

Como refere Waldecy Tenório, citado por Agripina Vieira, “Saramago recusa a religião, mas, ao mesmo tempo, manifesta uma verdadeira obsessão por Deus”. Assim sendo, seria difícil que a temática de Fátima não lhe merecesse referência. Na obra mencionada, é o próprio Ricardo Reis que vai à Cova da Iria, a 12 e 13 de maio. É dele que emana o relato irónico e burlesco do que ali se vivencia, desconsiderando as práticas religiosas e as demonstrações de fé a que assiste. Ricardo Reis “não ficou para o adeus à Virgem” e abandonou o lugar dececionado, como bem elucida o excerto: “Não houve milagres. A imagem saiu, deu a volta e recolheu-se, os cegos ficaram cegos, os mudos sem voz, os paráliticos sem movimento, aos amputados não cresceram os membros, aos tristes não diminuiu a infelicidade”.

Na obra de Agustina Bessa-Luís *A alma dos ricos*, igualmente examinada por Agripina Vieira, a vivência da religião é perspectivada a partir da devoção a Maria. A personagem Alfreda Cardoso desde os 11 anos que alimenta o desejo singular de ver e conversar com a Virgem, como se de uma colega de colégio se tratasse. E explica as circunstâncias da visão que gostaria de ter: “Seria uma coisa muito diferente daqueles encontros com aqueles pastorinhos sem nenhuma espécie de instrução”. Rica e culta, Alfreda considerava reunir condições dignas para receber a visitação de Maria: “Em vez de me aparecer em cima de uma árvore, abro-lhe as portas da minha casa onde podemos conversar à vontade”.

Em Valter Hugo Mãe, mais concretamente no livro *a máquina de fazer espanhóis*, o fenómeno de Fátima é apresentado pelo senhor Silva, não crente, que recebe uma pequena estatueta da Virgem quando da entrada no lar: “Olhei para a figura da nossa senhora de Fátima e falei mudo, tenho pena de ti, metida à cabeceira dos tristes nos lugares mais tristes de todos e agora vens assistir-me, eu que nada tenho para te mostrar que valha o empenho de maneres incessantemente esses olhos azuis abertos, essas mãos postas no ar”.

Valter Hugo Mãe vai moldando a relação do senhor Silva com a imagem da Virgem, alterando-a e conferindo-lhe uma ambivalência de sentimentos que culmina, nos últimos instantes da vida da personagem, com este pedido: “levem-me com a mariazinha, não ma deixem aqui”.

Um precioso catálogo

Agripina Vieira percorre os escritos de muitos outros autores, de que são exem-

plo António Lobo Antunes, Miguel Real, José Cardoso Pires, José Luís Peixoto, Augusto Abelaira, Maria Velho da Costa ou Miguel Torga. Deste último destaca uma passagem do *Diário XII*: “Levas e levadas de peregrinos em direção a Fátima. E estrebuchem no papel os livres pensadores. Se não há sobrenatural, como eles afirmam, há pelo menos necessidade de transcendência”.

No final do livro, a autora reserva ao leitor mais curioso e interessado por Fátima uma pequena joia: a lista das obras em prosa que, com maior ou menor importância, convocam o tema e o ano em que foram escritas.

“A presença da narrativa de Fátima, em número tão significativo de ocorrências, decorre da circunstância de estarmos perante um acontecimento marcante da história do século XX, em Portugal, e surge como evidência de que os acontecimentos ocorridos na Cova da Iria a todos interpelam”, escreve a autora.

Nos corredores da biblioteca de Fátima — os olhares dos prosadores é o quarto livro da coleção *Fátima — História, Cultura e Sociedade*, publicada pelo Santuário de Fátima. Antecederam esta obra *As aparições de Fátima: reconstituição a partir dos documentos*, de Luciano Coelho Cristino; *Sob os braços da Azinheira: leituras de Fátima*, de Ruy Ventura; e *Religiosidade & otimismo: estudo psicossociológico dos peregrinos ao Santuário de Fátima*, da autoria de Lisete Mónico.

Esta coleção editada pelo Santuário reúne obras em que “Fátima — e o que psicologicamente envolve este conceito — se mostra consequência e motor da História, da Cultura e da sociedade que nela se espelham e que dela irradiam”.

Livro de Honra do Santuário de Fátima

João Paulo II (1920-2005)

Livro de Honra n.º 2 (1985-2021), p. 48

TRANSCRIÇÃO

Totus tuus
Fatima 13.V.1991

Johannes Paulus PP II

TRADUÇÃO

Todo teu
Fátima 13.V.1991

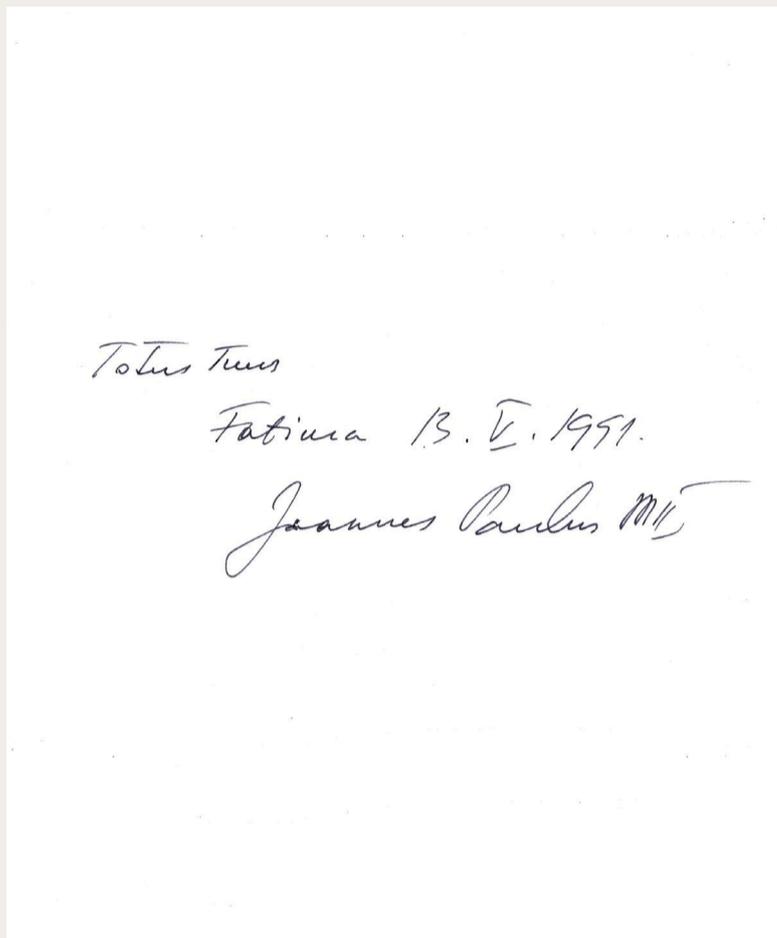
Papa João Paulo II

CONTEXTUALIZAÇÃO

Karol Józef Wojtyła, nascido em Wadowice, na Polónia, em 18 de maio de 1920, viria a tornar-se o líder da Igreja Católica, instituição que governou entre 16 de outubro de 1978 e 2 de abril de 2005, adotando o nome de João Paulo II.

Ao longo do seu pontificado visitou Fátima em três ocasiões distintas: 1982, na data em que se completava um ano do atentado que sofreu na Praça de São Pedro, em agradecimento pela proteção de Nossa Senhora nessa ocasião; em 1991, no décimo aniversário do atentado; em 2000, por ocasião da Beatificação de Francisco e Jacinta Marto.

A visita de 1991 tem lugar num contexto de grandes transformações políticas e sociais na Europa de Leste, que culminaram no fim da URSS e da Guerra Fria. Na Cova da Iria, João Paulo II agradeceu a caminhada que a humanidade fazia para a liberdade, não deixando de alertar para a possibilidade de se fazer “substituir o marxismo por uma outra forma de ateísmo, que adulando a liberdade tende a destruir as raízes da moral humana e cristã”. Convidado a assinar o Livro de Honra do Santuário de Fátima, João Paulo II aporia, além da assinatura e das datas tópica e cronológica, o lema “*Totus tuus*”, expressão da sua devoção mariana.



Arquivo do Santuário de Fátima

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 5351-PIN.II.197

Pedro Calapez, 2019

Acrílico sobre alumínio | 95 x 95 x 10,2 cm



A composição, abstrata, desenvolve-se em suporte de alumínio, quadrangular, onde predominam os tons azuis, verdes e amarelos. As cores são aplicadas em bruto sobre a superfície, sendo a sua manipulação realizada por espátulas e trinças. Deste modo, o pintor contrapõe as diferentes tonalidades, criando uma composição de cores intensas e rica em contrastes.

Serviu de mote à pintura um dos versículos do Cântico dos Cânticos, frequentemente tido como alusivo à Virgem: “És um jardim fechado, minha irmã e minha esposa, um jardim fechado, uma fonte selada” (4,12). Assim se explica, desde logo, a preponderância do verde e do azul, bem como a presença do amarelo, alusivos à vegetação, à água e à terra, respetivamente. A referência à água pode, também, plasmar-se na aplicação de algumas cores em movimentos ondulantes e curtos, sobretudo visíveis nas margens da composição. Desta salientam-se ainda, sensivelmente ao centro, três pinceladas. A primeira, de tonalidade bege, destaca-se pela claridade e pureza do tom e pela assertividade do gesto, numa alusão à Imaculada Conceição da Virgem; a segunda, negra, e a terceira, azul-ciano, desenvolvem-se em movimentos revoltos e descendentes. Pequenos apontamentos coral cortam a frieza dos tons azuis.

A obra integrou a exposição “Vestida de branco. A Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima”, com lugar na Basílica da Santíssima Trindade, entre 30 de novembro de 2019 e 15 de outubro de 2020.

Museu do Santuário de Fátima

Apostolado Mundial de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Fundado em 1947 com a designação “Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima”, o Apostolado Mundial de Fátima (nome a partir da década de 1980) é uma associação pública internacional de fiéis fundada nos Estados Unidos da América por Harold Colgan e John Haffert com a consciência de que de Fátima brota uma mensagem que, num tempo de grandes adversidades relativas à re-

ligião, designadamente no que concerne aos sistemas ateístas, interessa difundir ao nível mundial. Disso dava conta a própria nomenclatura inicial “um exército ao serviço da Mãe de Deus, um exército azul” em simbólica oposição ao exército vermelho dos regimes soviéticos.

O seu grande desenvolvimento, logo na década de 1950, faz com que o movimento esteja presente em to-

dos os continentes através de “nações principais” (centros nacionais), “nações em formação” e “nações principiantes”, polos que se encontram umbilicados às estruturas internacionais, eleitas para a administração da associação.

Sob o lema *Orbis unus orans* (mundo unido em oração), os membros deste movimento assumem o valor da consagração e da reparação como cumprimento do que

designam de “promessa” relativa aos desígnios da Mãe de Deus, nomeadamente a partir da consagração pessoal e comunitária à Virgem Maria e da prática dos Primeiros Sábados. A sede internacional do Apostolado Mundial de Fátima situa-se na Cova da Iria num equipamento arquitetónico cuja primeira pedra foi benzida em 1954, quatro anos depois da fundação do órgão oficial de difusão, a re-

vista *Soul*. Na sede, além de outras valências para acolhimento de peregrinos, existem duas capelas, uma de rito latino e outra de rito bizantino.

Pretendendo desde sempre estar de acordo com a ortodoxia fatimita, este movimento procurou uma especial ligação ao Papa (desde logo Pio XII, no tempo da sua fundação), ao bispo de Leiria e até à própria vidente Lúcia que recebeu Colgan.

FÁTIMA AO PORMENOR



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Era uma cave mal-amanhada com cheiro a sopa e suor. Não tinha camas, mas dormiam pelo menos uns 15 homens naqueles claramente insuficientes metros quadrados. Arranhavam três ou quatro palavras num português com sotaque de leste — “patrão não pagar”, “comida não ter” — e despejavam ladainhas de palavras soltas a evocar desilusões e cansaços, mas também gratidão. Havia um cheiro a coragem, misturado com vida madrastra. Eram homens que não se conformavam a aceitar a miséria, mas transformavam

Os ilegais

Pedro Valinho Gomes é teólogo

decididamente a vida para alimentar sonhos. Talvez já não os seus, mas pelo menos os da sua família. Uns eram médicos, advogados ou engenheiros, outros agricultores ou sem profissão específica. Mas ali diluíam-se as classes sociais. Ali, partilhavam todos o mesmo chão para dormir, tinham todos o mesmo bronze nos braços, ocupavam os dias a acartar os mesmos tijolos e o mesmo cimento numa qualquer construção de Lisboa. E não eram os únicos! Multiplicavam-se as caves assim mal-amanhadas com cheiro a sopa e suor, a custar fortunas e a prometer misérias, povoadas dos olhares perdidos de ilegais de leste.

Estávamos nos inícios deste milénio que prometia esperanças ao mundo, talvez ignorando as sombras de-

sumanas que a máquina da economia produzia. O padre Ernesto Neiva, missionário espiritano, desafiava-nos a olhar de frente estes homens bronzeados. Havia algum incómodo, confesso, em ocupar cada serão nosso de cave em cave a partilhar o que sobrara das nossas refeições e a emprestar o ouvido para desabafos impotentes. O que trazíamos era pouco para o muito que fazia falta. E era incómodo. Povoava-nos a imaginação de cheiros e de rostos concretos que tiravam a miséria da margem segura da abstração que ela era para mim. Sentia-me um paradoxo. Havia hospitalidade e medo do estrangeiro. O acolhimento convivia com o incómodo. E a timidez da minha juventude não sabia o que fazer com as três ou quatro palavras em

português com sotaque de leste. Os problemas que as suas ladainhas contavam pareciam escapar-nos das mãos impotentes como areia fina. O que fazer? Como se oferece humanidade no meio das situações mais complexas? Nenhum de nós sabia bem, mas isso não impedia o padre Ernesto de se fazer presente a cada dia e de, não sabendo resolver os problemas daqueles homens, procurar resolver os problemas que podia ajudar a resolver: questões de rendas, de salários, de contratos, de legalização, de saúde e de habitação. As coisas concretas com que se declina o evangelho.

Por estes dias, muitas famílias de imigrantes ficaram a dormir ao relento: crianças, mulheres, homens. Talvez cheirassem a sopa e suor as

suas barracas. Talvez tivessem ladainhas de palavras soltas a evocar desilusões e cansaços e, quem sabe, também gratidão. Há certamente *cocktails* de coragem e vida madrastra a percorrer-lhes as veias para calcorrearem meio mundo em busca de sonhos de vida pacífica e do pão-nosso de cada dia. Continuo a pensar no padre Ernesto. Ninguém é, por si mesmo, capaz de converter o mundo, mas o pouco que podemos mudar é nossa responsabilidade. O evangelho não é um manual de geopolítica, da geografia das migrações ou de outras abstrações teóricas. Mas sobre o rosto concreto do vulnerável, o evangelho tem algo a dizer: o que fizeres a um destes mais pequenos é a mim que o fazes (Mt 25,40). Será certamente incómodo, mas é humano.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

A arte é por natureza gratuita, no sentido em que, naquilo que lhe é específico, ela não existe para servir nenhum propósito prático. Uma obra de arte cumpre a sua função estética existindo gratuitamente, isto é, apenas para proporcionar a fruição de quem a contempla, ainda que possa ter alguma utilidade. Ela existe como dom, enriquecendo a realidade como um *plus*. Deveria ser essa a razão pela qual as obras são custeadas a elevado preço ou são mesmo impagáveis. Quanto custa a beleza de uma obra de arte — entendida em seu sentido lato, na ordem da qualidade estética — ou o sentido que veicula? A beleza, na sua bondade e gratuidade, é-nos tão neces-

Gratuitamente

A irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

sária como o ar para respirar; faz-nos subir um degrau ou até mesmo alguns andares no ascensor da dignidade.

E o amor? Com maior razão poderemos afirmar que o amor para o ser, propriamente, ou é dádiva gratuita ou não é amor.

Mas gratuidade, enquanto dádiva desinteressada de bem, visando apenas a beleza e o bem em si, que não exige nem reclama qualquer retorno ou contrapartida, é um conceito estranho à nossa cultura. A maior parte das vezes em que escutamos o léxico em torno do gratuito é no âmbito de estratégias comerciais que visam obter favor e, a menor ou a maior prazo, mais lucro. Mas mesmo na relação entre pessoas, quantas vezes se faz o bem a um outro pelo bem que o outro é em si mesmo e não por aquilo que dele se possa obter? Quantas vezes se faz um trabalho bem feito simplesmente pela beleza do trabalho bem feito em si mesmo? Quantas vezes usufruímos gratuitamente de algo



sem a pretensão de o possuir, utilizar para proveito próprio ou com medo do custo que teremos de pagar?

Paradoxalmente, a nossa felicidade reside mais na gratuidade do que na conquista e na posse.

Se é no espaço da gratuidade que cada coisa é genuinamente e desenvolve o melhor de si mesmo, não precisaremos de cultivar mais a gratuidade em todos os âmbitos da vida? Se,

na educação de uma criança de tenra idade, todos os espaços de brincadeira forem meticulosamente previstos em função de competências a adquirir, que espaço fica para a surpresa, a autoexpressão e o florescer livre da sua personalidade? Se na relação não houver momentos de fruição, sem qualquer outro fim, como pode crescer o apreço pela beleza de estar juntos? Se na oração não houver espaço para estar

gratuitamente com Deus, não se torna a oração e, consequentemente, a relação com Deus algo utilitarista, apenas na perspectiva de obter algo?

Quem ousará dar sem medir, abrir mão do retorno ou, até mesmo, por amor, admitir ficar prejudicado para proporcionar um momento de beleza a alguém? Não é isto belo? Tão belo como “o mais belo dos filhos dos homens” (Sl 45,3) — Cristo?

VER + A ARTE DO SANTUÁRIO

Basílica de Nossa Senhora do Rosário (interior)

Gerardus van Krieken, João Antunes, 1928-1953

A ambiência estética da Basílica de Nossa Senhora do Rosário faz prolongar em Fátima o cânone artístico que a Igreja defendeu até meados do século XX, assente no revivalismo arquitetónico, neste caso, de linguagem classizante de desenho barroco. À nave única, envolvida por capelas laterais e falso transepto, corresponde a capela-mor profundamente recuada. O itinerário temático das suas capelas é dedicado aos mistérios do Rosário, programa iconográfico que absorve para o interior da basílica a ideia inicial, depois abandonada, de o recinto do santuário poder apresentar um conjunto de capelas que seriam coroadas pelo templo maior, dedicado ao último dos mistérios, a Coroação de Maria. É esta a razão pela qual a capela-mor exhibe tal figuração. Além da imagem histórica que iniciou as viagens da Virgem Peregrina pelo mundo, a basílica alberga os restos mortais dos videntes de Fátima. Embora tenha sido alvo de múltiplas campanhas artísticas que, ao longo do tempo, valorizaram o espaço, o templo, genericamente delineado por Gerardus van Krieken mas levado a concretização por João Antunes, mantém a sua estética inicial. Entre as campanhas de obras mais significativas contam-se as que correspondem à introdução dos vitrais da capela-mor e da nave, das pinturas monumentais, do grande órgão e dos arranjos artísticos dos túmulos dos videntes.

Marco Daniel Duarte

TRIBUNA

Sobre as capelas laterais abrem-se amplas galerias sustentadas por colunas da ordem coríntia. Desde 1967, a luz que entra pelos grandes janelões é coada pelos vitrais sobre a vida da Virgem assinados por João de Sousa Araújo.

ABÓBADA

Uma das características de maior interesse técnico da basílica é a abóbada que cobre a sua nave, que se mostra claramente clássica na sua estética, mas construída a partir das inovações da engenharia novecentista. Devem-se a José Osório da Rocha e Mello os cálculos, inspirados na cobertura do Mercado de Frankfurt, para a calote de betão que sustenta a abóbada do templo, constituída por lajes dispostas em caixotões.

CAPELA-MOR

Dominada pelo grande retábulo neobarroco e pela escultura que ocupa o fecho da abóbada em semiesfera, a capela-mor do templo segue o cânone das igrejas barrocas, de presbitério profundo, com retábulo monumental e altar avançado sobre o qual habita o sacrário, também de grandes dimensões. Depois de várias reformas, a capela-mor apresenta, sob projeto arquitetónico de Joana Delgado e com peças de Bruno Marques (altar, ambão, presidência e cruz), uma espacialidade condizente com as necessidades litúrgicas decorrentes do II Concílio do Vaticano. Encontra-se neste espaço a primeira Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima e jazem nos seus alçados laterais D. José Alves Correia da Silva e D. Alberto Cosme do Amaral.



CAPELAS LATERAIS

Consubstanciando o inicial projeto de dotar o espaço do Recinto de Oração com capelas dedicadas aos mistérios do Rosário, as capelas laterais da basílica são dedicadas a cada um desses passos que os fiéis meditam quando rezam aquela oração mariana. Tais representações ficaram a cargo de Martinho de Brito, que, para os retábulos de pendor renascentista desenhados por João Antunes, as esculpiu em bronze.

PÚLPITO

Cumprindo o desejo de D. José Alves Correia da Silva, a basílica foi preparada como lugar de pregação para os dias quotidianos. Os púlpitos pétreos junto ao pseudo-transepto são marca da importância desse pensamento do primeiro bispo de Fátima.

ARCO TRIUNFAL

Compõem a cenografia da basílica os elementos do arco que antecede a capela-mor, no qual se inscrevem as esculturas de Santo António Maria Claret e de São Domingos e, acima da arquitrave, a legenda latina, feita de mosaicos encomendados à Fábrica de Mosaicos do Vaticano, que, em capitais, lembra o orago do templo: REGINA SACRATISSIMI ROSARII FATIMAE ORA PRO NOBIS (Rainha do Sacratíssimo Rosário de Fátima, rogai por nós).

PSEUDO-TRANSEPTO

Os braços deste espaço arquitetónico foram dedicados à tumulação dos videntes de Fátima, Francisco Marto no lado da Epístola, para ali trasladado em 1952, e Jacinta Marto e Lúcia de Jesus do lado do Evangelho, para ali trasladadas em 1951 e 2006, respetivamente.

“Fátima nunca estará esgotada na

O Curso de Verão do Santuário de Fátima tem permitido, ao longo da última década, aprofundar o conhecimento sobre o fenómeno das aparições. Ainda assim, a história de Fátima continua por se fazer. Na edição deste ano foram lançados ângulos e abordagens passíveis de se constituírem como capítulos de uma publicação.

Patrícia Duarte



Terminada mais uma edição do Curso do Verão, a 10.^a que o Departamento de Estudos do Santuário de Fátima organizou, há duas conclusões que se evidenciam: Fátima permanece um desafio para a razão e nunca estará esgotada na sua análise.

Estas duas perspetivas foram partilhadas por Marco Daniel Duarte, coordenador do Curso de Verão e diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, na intervenção de encerramento, intitulada “A tradução de um acontecimento histórico: ouvir, narrar, ler e interpretar Fátima”.

O tabu de que o tema continua a ser alvo, sobretudo entre alguns académicos, não tem impedido que se reconheça, cada vez mais, a pertinência de estudar o que Fátima legou à história da humanidade e à história da Igreja.

O tema não se restringe à narrativa das aparições. “Fátima também se constitui a partir da celebração, da liturgia, da dramaturgia de um lugar, da vivência”, nem que essa vivência seja o passeio, o lazer, a fruição do espaço

sagrado, referiu Marco Daniel Duarte.

Também para o Vaticano, Fátima deixou, desde cedo, de ser “uma questão nacionalista dos portugueses” para ser mais do que isso, frisou Marco Daniel Duarte, ao lembrar que o fenómeno da Cova da Iria é a única marifonia a surgir nas atas do Concílio Vaticano II.

A história de Fátima continua por se fazer e, a fazer-se, terá de ser mais do que o “somar cronologias”. “É ouvir, como fizeram os autores dos interrogatórios; é também narrar, como fizeram os primeiros cronistas de Fátima; é ler como fizeram os que tentaram perceber Fátima em contexto e é interpretar, como fizeram e como tentamos fazer os que queremos perceber a ação dos agentes históricos em cada momento”. “Só assim se pode fazer a história de Fátima, sabendo-a, também, uma tradução do humano viver”, completou o coordenador do Curso de Verão.

A edição deste ano do Curso de Verão teve como tema “Que capítulos para a história de Fátima? A gênese de uma

publicação”. Entre os dias 2 e 4 de julho, no Centro Pastoral de Paulo VI, mais de uma centena de participantes assistiu a diversas sessões sobre o fenómeno de Fátima, procurando aprofundar o tema, designadamente a partir da História, da Teologia, da Sociologia e da História da Arte, áreas que este ano estiveram mais presentes no elenco das aulas.

“O facto de os formandos chegarem não só das diferentes regiões de Portugal, mas também de outros países, mostra como esta oferta merece a atenção dos que melhor querem conhecer o fenómeno de Fátima”, esclareceu Marco Daniel Duarte.

O próximo curso está agendado para os dias 1, 2 e 3 de julho de 2026. Terá como tema “Fátima depois de outubro de

1917: o ciclo cordimariano”, a fim de poder ajudar a refletir sobre as aparições de 1925, 1926 e 1929 que, segundo Lúcia de Jesus, tiveram lugar em Pontevedra e Tui.

“É uma temática bastante desconhecida do grande público, mesmo daqueles que vêm ao Santuário de Fátima”, reconheceu Marco Daniel Duarte. A análise vai permitir divulgar estas aparições que ficaram conhecidas pela expressão “ciclo cordimariano”, porque nelas tem particular protagonismo a forma como a vidente percebeu o Coração de Maria como um dos símbolos mais eloquentes da mensagem de Fátima.

Contributos para a gênese de uma publicação

Ao longo dos três dias do Curso de Verão, ficou evidente que a resistência ao estudo do fenómeno de Fátima se explica através de fatores que vão do preconceito à ausência de prova documental, sem esquecer a complexidade do fenómeno em si. Ao convo-



sua análise”

car uma tensão entre fé e razão, o tema expõe os investigadores a dilemas. “Fátima é também essa palavra poética que a imagem das velas e dos lenços descreve e que a historiografia não deve ter receio de historiar. Mas como é que dizemos com palavras de historiador um mar de lenços brancos?”, questionou Marco Daniel Duarte, na intervenção final do curso.

Nas sessões que dinamizou, o diretor do Curso de Verão deixou algumas perspetivas passíveis de análise mais aprofundada. Uma delas é a importância da micro-história das figuras centrais das aparições — os Três Pastorinhos — e o seu impacto na macro-história de Fátima, ao terem desafiado as perceções sociais e eclesiais sobre a infância na época. Uma segunda perspetiva é a evolução artística e arquitetónica do Santuário. “A arte em Fátima não é apenas cenário, mas foi também protagonista de eleição” ao ponto de “transfigurar o lugar”, salientou Marco Daniel Duarte. Um terceiro ângulo possível de aprofundamento seria o que designou de “proto-história de Fátima” com “a mudança de paradigma da expressão da ideia de Deus no agir humano da sociedade contemporânea”. O objetivo seria erguer a história de Fátima, não a partir de 1917, mas a partir da mudança de paradigma intelectual que a humanidade registou com o Século das Luzes.

Cumprindo os objetivos estipulados, três dias de curso permitiram reunir uma panóplia de abordagens e de pontos de vista sobre o fenómeno de Fátima que podem constituir-se como génese de uma publicação. Do programa do Curso de Verão fizeram ainda parte a visita ao Espaço Padre Formigão: Casa do Apóstolo de Fátima e a apresentação da obra “Nos corredores da Biblioteca de Fátima: os olhares dos prosadores”, da autoria de Agripina Vieira (ver página 4).

D. ANTÓNIO MARTO

Cardeal e bispo emérito de Leiria-Fátima, D. António Marto afirmou que, ainda hoje, “a mensagem de Nossa Senhora sacode continuamente as nossas consciências”. Como símbolo de paz, “num mundo que grita por um novo humanismo”, Fátima conserva a mesma força e a mesma exigência.

D. António Marto destacou o primado de Deus, e da beleza do seu amor, que é possível ler na mensagem de Fátima através das suas linhas principais: a misericórdia, a reparação, a esperança e a paz.

JOSÉ MIGUEL SARDICA

Pela dificuldade em comprovar a existência real do fenómeno das aparições, o professor e investigador da Universidade Católica Portuguesa observou o estudo de Fátima não pela substância, mas sim pelo eco. “As aparições marianas podem e devem ser estudadas como qualquer outro fenómeno de religiosidade, não só na sua dimensão espiritual intrínseca, mas também nas suas dimensões políticas, sociais, mentais, simbólicas e comunicacionais extrínsecas”. Fátima impôs-se à história e o Santuário adquiriu o estatuto de símbolo da universalidade católica, sustentou.

CARLOS CABECINHAS

O reitor do Santuário de Fátima começou por interpelar os participantes com a pergunta: “que imagem de Deus é que a mensagem de Fátima nos transmite?”. O padre Carlos Cabecinhas defendeu que o grande protagonista do fenómeno de Fátima é o próprio Deus que aos Pastorinhos se revela como luz e misericórdia e, por conseguinte, “incompatível com a imagem de um Deus que ameaça mais do que salva”. Sublinhou ainda que a espiritualidade de

Fátima, ao convidar à adoração, reparação, conversão, penitência, oração e solidariedade com os irmãos, “toca no coração fundamental da fé cristã”.

SÓNIA VAZÃO

A investigadora do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima começou por sublinhar, na esteira de outros autores, que as aparições são o fenómeno português mais importante a seguir aos Descobrimentos. A partir desse ponto dissecou os fatores que, ao longo dos anos, contribuíram para a globalização das aparições, como o jornal *Voz da Fátima*, as viagens da Virgem Peregrina, o envolvimento dos papas e dos bispos e a publicação de estudos em diversas línguas. Sónia Vazão abordou ainda a constituição de paróquias e a construção de igrejas dedicadas a Nossa Senhora de Fátima.

AURA MIGUEL

A jornalista da Rádio Renascença explorou a visão dos papas em relação a Fátima. Através de intervenções papais, documentos e gestos simbólicos que partilhou com os participantes, a vaticanista analisou a forma como os papas reagiram e integraram as aparições nos respetivos pontificados. Numa cronologia extensa, que vai de Bento XV a Leão XIV, Aura Miguel acabou por privilegiar, na sua intervenção, aqueles que à luz da mensagem de Fátima abordaram temas como a paz mundial, a consagração da Rússia e os sofrimentos da Igreja.

ANDRÉ MELÍCIAS

O investigador do Departamento de Estudos do Santuário direcionou a intervenção para a centralidade improvável de Fátima e para a sua politização. “É a mais política das aparições porque a sua

mensagem convida a uma alteração profunda do modo de estar em sociedade com implicações a muitos níveis”, afirmou. Para o investigador, Fátima é uma “verdadeira revolução”, com significativa influência nos debates ideológicos em que se assiste ao conflito entre visões de sociedade com e sem necessidade de Deus.

ALFREDO TEIXEIRA

A partir do pressuposto de que Fátima tem duas geografias — a física e a espiritual —, o professor e investigador da Universidade Católica Portuguesa destacou a capacidade do Santuário de se adaptar às mudanças sociais e culturais, mantendo a sua centralidade naqueles dois planos. Apointou ainda Fátima como “um fator de modernização da religiosidade dos portugueses” e um elemento de importância maior na diáspora. Em lugares onde a memória religiosa não encontrava ligações, os portugueses viram-se perante a necessidade de reconstruir a sua identidade e fizeram-no levando Fátima para esses contextos.

LUÍS MIGUEL FERRAZ

A multifacetada relação entre o fenómeno de Fátima e os meios de comunicação social ao longo do tempo foi o ângulo observado pelo investigador do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima. Luís Miguel Ferraz evidenciou como as aparições de Fátima se tornaram um evento mediático desde o início, captando a atenção da imprensa regional, nacional e internacional, e como essa cobertura contribuiu para a sua notoriedade. Detalhou ainda a evolução da presença de Fátima nos *media*, desde os jornais impressos do início do século XX até à rádio, televisão e, mais recentemente, às plataformas digitais e redes sociais.



Peregrinação a Fátima inclui partilha

O Santuário de Fátima também é local de encontro para as famílias. Em dias de peregrinação, os parques enchem-se para

Patrícia Duarte

A azáfama do dia a dia mantém-nos afastados e são poucos os momentos em que conseguem reunir-se e conviver em torno de uma mesa. Porém, há uma circunstância que tem o condão de os juntar. É uma das vertentes da peregrinação ao Santuário de Fátima que não passa despercebida a quem, à hora de almoço, circula pelos espaços verdes que torneiam o Recinto de Oração, sobretudo nos dias festivos.

“A vida é tão complicada que quase não temos oportunidade de estarmos juntos”, lamenta Georgina Paulino, de 88 anos, reconhecendo que o encontro da família acaba por acontecer em Fátima quando vêm em peregrinação.

Georgina e os restantes elementos da família são de Cascais: Maria Leonor Ávila, de 73 anos, Laura Ávila, de 28, Luís Paulino, de 54, e Bernardo Paulino de 28. Partiram de casa às 8h00 para chegar a tempo à missa que, naquele domingo, se celebrou às 10h00 por ser 13 de julho, dia de Peregrinação Internacional Aniversária.

A família vem regularmente a Fátima, quase sempre em maio e outubro, como explica Maria Leonor. Para almoçar escolhem os parques de merendas do Santuário. Mesmo quando não encontram mesa disponível, estendem as mantas no chão e aí fazem a refeição em família.

“Almoçar nos parques é mais saudável, estamos em

paz, o convívio é mais agradável, não estamos na confusão dos cheiros nem com pressa de nos levantarmos”, esclarecem, reconhecendo que “o almoço é também uma forma de união e de partilha”.

Naquele domingo os estômagos saciam-se com croquetes, coxas de frango, bola de carne, pasta de atum e bastante fruta. Depois disso, eles descansam e elas põem os assuntos em dia.

A vinda a Fátima, porém, não termina aqui. Maria Leonor conta que, após o almoço, regressa ao Santuário: “fico na Capelinha muito tempo”. “Não temos pressa para ir embora e nunca saímos antes da noite”, acrescenta Georgina, explicando que dessa forma

fazem o trajeto de regresso com calma e já no período mais fresco.

Se tudo correr como previsto, em outubro a família volta a reunir-se, em Fátima, como já começa a ser tradição.

“Também precisamos desta paz”

O número de lugares é limitado e nem todos conseguem vaga nos alpendres de que o Santuário dispõe, num dos seus parques. Os Silvas e os Pintos, duas vertentes de uma mesma família, encontraram uma mesa livre nesse espaço protegido do sol quente daquele 13 de julho. Almoçar neste lugar do San-

tuário é importante, não só porque o grupo é numeroso, como também porque dois dos seus elementos movem-se em cadeira de rodas.

“É mais económico, estamos mais à vontade e não há barulho nem confusão”, explicam. Almoçar de modo tranquilo e sossegado é um aspeto que valorizam nesta vinda a Fátima. “Também precisamos desta paz, adoramos estar aqui e sentir esta paz”.

A família é de Espinho. Partiu de casa às 8h00 para não falhar o início da celebração da missa. Há uma década que vem ao Santuário, por norma, uma a duas vezes por ano. Os 10 elementos que contornam a mesa são de diferentes gerações. A mais nova do grupo tem 10 anos e a mais velha 86.



e convívio à mesa

momentos de união e partilha entre peregrinos de diferentes gerações.

“Esta parte da peregrinação também é importante, até porque, depois de almoço, regressamos ao Santuário e ainda vamos à casa dos Pastorinhos, em Aljustrel”. Só depois regressam a casa.

Mais e menos devoção

A família dos Barbas — assim pedem para serem designados — é numerosa e a mesa torna-se pequena. Os adultos acomodam-se como podem, enquanto as crianças circulam de colo em colo, atacando uma batata frita aqui e outra ali.

“Assim em família, já não vínhamos há 10 anos”, esclarecem. Tal não significa que,

durante esse período, Fátima não tenha sido destino de peregrinação. Vieram por diversas vezes, uns a pé, outros de carro. O almoço em família é que, nesses casos, não aconteceu.

É, pois, motivo de regozijo esta união em Fátima, por ocasião da peregrinação de 13 de julho. “Estes almoços são um momento de família e de encontro”, afirmam, mesmo que, entre os vários elementos, se encontrem “os que vêm com devoção e os que só acompanham”. Todos se respeitam e, após o almoço, regressam ao Santuário, calmamente. “Cada um, de forma individual, faz o seu ritual”.

Os Barbas são mais um exemplo do encontro de ge-

rações em que estes almoços também se transformam. O elemento mais velho do grupo tem 82 anos. O mais novo, com apenas um ano, é o Francisco. O nome deve-o ao dia em que nasceu — 12 de maio — e ao momento em que a mãe ficou grávida, decorria então a Jornada Mundial da Juventude que trouxe a Portugal o Papa Francisco.

O regresso à Murtosa, de onde são naturais os Barbas, ocorre, por norma, pelas 16h00, já depois de cada um ter concretizado o seu ritual. Um dos elementos veio cumprir uma promessa, outros não prescindem de acender uma vela. Há ainda que comprar lembranças para aqueles que, por agora, não puderam vir.



FAMÍLIA BARBAS



Schola Cantorum atuou no Fatima Music Fest

A edição de 2025 do *Fatima Music Fest*, parte do *Lisbon Music Fest 2025*, incluiu, no dia 10 de julho, um concerto na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A *Schola Cantorum* Pastorinhos de Fátima e o Coro de Alunos do Colégio de São Miguel cantaram na parte inicial do concerto e receberam, como anfitriões, o Coro de Macau, *Sacred Heart Canossiah College Choir*, que cantou na segunda parte.

No final, os coros envolvidos cantaram em conjunto o Ave, Maria de Vavilov (Caccini) e o Hino do Jubileu 2025.



Uma aventura para filhos e familiares dos funcionários do Santuário

Foram duas semanas intensas de atividades lúdicas e pedagógicas que o Santuário de Fátima proporcionou aos filhos e familiares dos funcionários, durante o mês de julho.

Cerca de 45 meninos e meninas, entre os 5 e os 12 anos, participaram em desafios, cozinham, ensaiaram truques de magia, aprenderam primeiros-socorros, cantaram e, sobretudo, brincaram muito.

“Uma Aventura no Santuário” realizou-se pelo segundo ano consecutivo com o objetivo de ocupar as crianças, de forma divertida, em tempo de férias.



Funcionários do Santuário de Fátima realizaram peregrinação anual

Na manhã do dia 28 de junho, funcionários do Santuário de Fátima e familiares peregrinaram até à Cova da Iria, num percurso que teve início na Capela de Nossa Senhora do Monte, nas Cortes, Leiria, e terminou com a participação na missa das 11h00, na Basílica da Santíssima Trindade, em Fátima.

Esta jornada, que se realiza anualmente, é um momento de aprofundamento da caminhada interior na fé e uma oportunidade para melhor compreender a rica experiência própria da peregrinação nas suas diversas dimensões.

O dom do serviço silencioso

Secretariado Nacional agradece participação e empenho na recitação do terço das 18h30.

Secretariado Nacional do MMF



O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) agradece a todos os grupos que, mês após mês, se unem em oração na Capelinha das Aparições, especialmente nos dias 13, enriquecendo um momento tão significativo na vida espiritual dos peregrinos e de todos os mensageiros que acorrem à Cova da Iria.

Com particular reconhecimento, agradecemos às crianças do MMF que, com simplicidade e fé, aceitam o pedido da Senhora mais brilhante que o sol e colaboram na oração do terço das 18h30. A vossa presença, voz e entrega são testemunho vivo da atualidade da mensagem da Senhora do Rosário. Sois todos vós,

com os vossos corações puros e confiantes, que nos recordais que Fátima continua a ser escola de oração.

Agradecemos profundamente aos catequistas e aos pais que, com tanto carinho e dedicação, acompanham as crianças no seu caminho de fé e tornam possível esta missão. O vosso serviço silen-

cioso é, aos olhos de Deus e da Igreja, um verdadeiro dom.

A todos desejamos agora um tempo de descanso e renovação. Que as férias sejam ocasião de alegria, de encontro em família e de crescimento na fé. Que Nossa Senhora de Fátima continue a abençoar-vos e a acompanhar-vos em cada passo.

Fátima, lugar de experiências profundas

Retiro proporciona experiência única, profunda e inesquecível a 45 doentes da Diocese de Viseu.

Secretariado Diocesano de Viseu do MMF

Fátima é um lugar extraordinário para rezar, aprender e saborear os principais conteúdos das aparições de Nossa Senhora aos Três Pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, no distante ano de 1917, bem como das três aparições do Anjo em 1916 aos mesmos videntes.

Os Pastorinhos foram escolhidos por Deus para testemunhar tão extraordinários acontecimentos e escutar palavras tão expressivas do Anjo e de Nossa Senhora.

Nós, participantes do retiro, tivemos a graça plena de Deus de poder visitar todos os lugares, ouvir todos os pormeno-

res das aparições, relatados de forma expressiva e tocante, proporcionando momentos profundos de meditação.

O relator foi o padre João Paulo Quelhas que, com serenidade e simplicidade, resumiu a mensagem de Fátima em três palavras: oração, adoração e silêncio.

Como retiro espiritual que foi, destaca-se a dimensão interior e espiritual, a "fonte de tudo": missa diária na capela da Casa de Nossa Senhora das Dores, oração da manhã, adoração ao Santíssimo Sacramento, oração de Laudes, via-sacra, celebração penitencial, contemplações nas

duas basílicas, recitação do Rosário na Capelinha, com a vela acesa, e a missa final no Recinto de Oração, com o comovente adeus a Nossa Senhora.

De facto, Fátima é o altar do mundo, onde muitos encontram um novo rumo para as suas vidas. Para os doentes, foi uma experiência única, profunda e inesquecível; um verdadeiro "Pentecostes". Regressaram alegres, alguns dizendo: "estou limpa por fora e por dentro"; "estou mais feliz do que se me saísse a sorte grande"; "do que mais gostei foi de rezar o terço na Capelinha"; "gostei de tudo"; "gostei

muito, e o senhor padre tem uma pedagogia excelente, que se preocupa não só em formar, mas também em informar; foi fantástico".

É de salientar o generoso número de voluntários e Servitas que, desde o início da viagem e durante toda a estadia, prestaram um apoio total, contribuindo para que este retiro/peregrinação fosse, de facto, uma graça de Deus para todos.

O grupo era constituído por 45 pessoas, provenientes de diversas paróquias da Diocese de Viseu, e esteve alojado na Casa de Nossa Senhora das Dores.

Ser sinal de esperança no coração do Movimento

Encontro das Delegadas das Mensageiras do Coração Imaculado de Maria constituiu oportunidade de interação e de aprofundamento da fé.

Madalena Antunes
Responsável Nacional das Comunidades de Vida do MMF

Nos dias 24 e 25 de junho, na Casa do Coração Imaculado de Maria, decorreu o 8.º Encontro das Delegadas das Mensageiras do Coração Imaculado de Maria (MCIM) do Movimento da Mensagem de Fátima, orientado pelo assistente nacional, padre Daniel Mendes, sob o tema: "Ser sinal de Esperança, no Coração do Movimento".

Estes encontros de delegadas tornam real uma cooperação criativa, entrelaçando capacidades, saberes, diferentes dons e serviços, pelo que podemos considerá-los como uma oportunidade única de interação humana, convivência fraterna, conhecimento da mensagem de Fátima, aprofundamento da fé e vivência espiritual.

O programa contemplou espaços de partilha de experiências pastorais nos diferentes lugares de origem de cada mensageira e permitiu a avaliação nos diferentes dinâmismos propostos pelo Secretariado Nacional: organização, espiritualidade e evangelização, em concreto, a avaliação das atividades realizadas durante o ano, a elaboração do programa do próximo ano e sugestões para novos caminhos que precisam de ser percorridos, de acordo com o Plano Pastoral apresentado pelo assistente nacional, sob o tema "O Coração de Maria, caminho para ver a Deus". Em jeito de conclusão, estes encontros de delegadas constituem uma bela oportunidade de tomada de consciência da missão que as MCIM são chamadas a assumir, a tempo inteiro, no mundo atual.

Peregrinos e mensageiros de esperança

A 47.ª Peregrinação Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima reafirmou o compromisso de fidelidade aos pedidos da Virgem do Rosário de Fátima e contribuiu para a renovação da missão de levar a luz e a paz do Coração Imaculado de Maria a todos.

Secretariado Nacional do MMF



Nos dias 19 e 20 de julho, a Cova da Iria acolheu a 47.ª Peregrinação Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), reunindo centenas de mensageiros de todas as dioceses do país. Este encontro anual reafirma o compromisso de fidelidade aos pedidos da Virgem do Rosário de Fátima e contribui para a renovação da missão de levar a luz e a paz do Coração Imaculado de Maria a todos, especialmente às “periferias geográficas e existenciais”.

A peregrinação iniciou com a caminhada processional e a saudação a Nossa Senhora, na Capelinha das Aparições, seguida da assembleia geral do Movimento, realizada no Centro Pastoral de Paulo VI. O reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, incentivou os mensageiros a viverem e a anunciarem a esperança que brota da mensagem de Fátima. No final da sua intervenção, lançou um desafio ao MMF: comprometer-se com o centenário das aparições de Pontevedra, que se celebrará no próximo ano pastoral, através da vivência e divulgação da devoção dos cinco primeiros sábados.

O assistente nacional, padre Daniel Mendes, agradeceu o trabalho pastoral desenvolvido pelos diversos secretariados diocesanos e paroquiais,

que de forma humilde e silenciosa, ao jeito dos Santos Pastorinhos, levam ao coração de muitos mensageiros a esperança da mensagem de Fátima e despertam nos corações dos batizados o desejo de conhecer melhor a mensagem da Senhora mais brilhante que o sol.

O padre Daniel Mendes partilhou, ainda, os ecos da participação do MMF no Jubileu dos Movimentos e Novas Comunidades, realizado em Roma, de 6 a 9 de junho.

Segundo o assistente nacional, o MMF é chamado a acolher os desafios lançados pelo Papa Leão XIV na sua ação pastoral, que sintetizou em três grandes linhas: a vivência do dinamismo da evangelização como dom e graça que brota do encontro pessoal com Cristo e com os irmãos; o dinamismo sinodal, como caminho para reforçar a presença do MMF nas diversas Igrejas locais, da qual faz parte integrante, promovendo a corresponsabilidade e a comunhão na missão; e a ação do Espírito Santo como fonte de renovação, mesmo em tempo de dificuldade, pois é capaz de transformar a Igreja e o mundo. Maria, neste contexto, foi apresentada como a Senhora do Pentecostes, que intercede para que a ação

pastoral se torne mais missionária.

Neste ano, o MMF assumiu como prioridade aprofundar o conhecimento e a devoção à Venerável Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado. Na Cova da Iria, a menina escutou uma mãe e, à sua semelhança, todos os mensageiros são convidados à mesma escuta. A figura da Venerável Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado foi central nesta 47.ª Peregrinação Nacional, como modelo de fidelidade, esperança e entrega silenciosa, verdadeira profeta da esperança cristã.

Lúcia representa aquilo a que o Jubileu convida todos os crentes: caminhar com o coração voltado para Deus, mesmo em tempos de escuridão, confiando que a luz da graça triunfará. A sua esperança não nasce da ausência de dor, mas da certeza de que Deus transforma tudo em bem. Mesmo sem ver os frutos, ela semeou com confiança. Cada gesto escondido, cada oração silenciosa, cada sacrifício oferecido em amor torna-se semente de luz para o mundo. O seu itinerário de vida, desde pequena pastorinha a jovem mensageira, até à madura mensageira carmelita, testemunha que a verdadeira esperança não consiste em esperar que tudo mude, mas em confiar e permanecer

na fidelidade ao dom recebido e ao “sim” dado. A oração de Lúcia torna-se, assim, um verdadeiro “caminho de esperança”, tal como cada passo do peregrino jubilar é sinal de uma fé viva. Ao ler os seus escritos, a sua oração ecoa na caminhada jubilar, movendo os corações para uma vida renovada pelo Espírito Santo, por graça divina recebida.

Neste espírito, foi acolhida com grande alegria a exposição “Irmã Lúcia: Pastorinha, Mensageira e Profeta de Esperança”, concebida como espaço de memória e inspiração, que percorre o itinerário de vida da Irmã Lúcia.

A peregrinação foi ainda enriquecida com a conferência da Irmã Ângela Coelho, vice-postuladora da Causa de Canonização da irmã Lúcia, que ofereceu uma reflexão profunda e esclarecedora sobre a sua vida e espiritualidade, revelando a grandeza de uma alma simples, totalmente entregue à vontade de Deus.

A noite de sábado foi marcada pela participação no terço e procissão das velas e na celebração da eucaristia na Basílica da Santíssima Trindade, presidida pelo padre Miguel Teixeira Duarte, assistente diocesano do recém-criado Secretariado Diocesano de Lisboa. Num testemunho pessoal, partilhou como o caris-

ma da mensagem de Fátima e o exemplo dos Pastorinhos se tornaram companheiros no seu caminho vocacional.

Seguiu-se a via-sacra nas Colunatas, vivida com profunda introspeção, inspirada pelas palavras dos Papas Francisco e Leão XIV, de Santo Agostinho e dos Pastorinhos de Fátima. A noite, de vigília comunitária, culminou com a oração mariana na Capelinha das Aparições, preparada pelo Secretariado Diocesano de Braga. Durante a noite, decorreu, em ato contínuo, a adoração eucarística em espírito de reparação, inspirada na vivência dos Pastorinhos. A encerrar este momento, na aurora do novo dia, celebraram-se as Laudes, agradeceu-se e louvou-se o nosso Deus com a procissão eucarística no Recinto de Oração.

A peregrinação encerrou no domingo com a recitação do terço e a celebração da eucaristia no Recinto de Oração, presidida pelo cardeal D. António Marto, bispo emérito de Leiria-Fátima. Na homília, destacou a mensagem do Evangelho sobre a hospitalidade, sintetizada nos verbos acolher, escutar e servir, convidando todos os mensageiros a seguirem o exemplo de Maria e dos Santos Pastorinhos, no concreto das suas vidas.

Três caminhos para a esperança: proximidade, escuta e oração

Na missa da Peregrinação Internacional Aniversária de julho, D. Sérgio Dinis apontou três atitudes essenciais para alcançar a vida eterna.

Diogo Carvalho Alves



A escuta da Palavra, a proximidade com os que sofrem e a oração foram os três caminhos práticos que D. Sérgio Dinis apontou com vista à esperança. Na homilia da Missa internacional Aniversária de 13 de julho, celebrada no Recinto de Oração do Santuário de Fátima, o bispo das Forças Armadas e de Segurança apresentou a mensagem de Fátima como sinal de esperança, num mundo marcado pelo sofrimento.

“Escuta a Palavra de Deus todos os dias... Alimenta-te dela, porque são palavras de Vida Eterna. Faz-te próximo de alguém que sofre, que está sozinho, que precisa de ti. Reza com Maria, com o terço, com simplicidade. Deixa que ela te leve pela mão”, exortou o presidente da celebração, ao definir Fátima como lugar que garante a presença materna da Mãe de Deus na história dos homens.

“Ser peregrino da esperança, aqui em Fátima, significa deixar-se tocar por esta certeza: que não caminhamos sozinhos; que o Céu nos

acompanha; que Maria está connosco e que, mesmo nas noites mais escuras, há uma luz que brilha; uma luz que nos guia e que queremos levar aos outros”, disse o bispo das Forças Armadas e de Segurança.

A partir da pergunta deduzida da liturgia daquele XV Domingo do Tempo Comum, que teve como centro a parábola do bom samaritano: “Que hei de fazer para alcançar a vida eterna?”, D. Sérgio Dinis apresentou a conversão, a oração e a penitência, às quais apela a mensagem de Fátima, como “chaves para viver já o Céu nesta Terra”.

“É necessário não cair na ratoeira dos medos instrumentalizados”

Na conclusão, o bispo de Leiria-Fátima desejou um bom regresso a casa aos cerca de 20 mil peregrinos presentes e agradeceu a mensagem de esperança que D. Sérgio

Dinis deixou nestes dois dias, reforçando o apelo ao acolhimento ao próximo, sobretudo aos imigrantes, expressando o desejo de que o processo de legislação em curso em Portugal sobre a imigração se inspire no gesto de acolhimento do bom samaritano e que “abra caminhos novos para a sociedade”.

“É necessário, para isso, não cair na ratoeira dos medos instrumentalizados, nem dos preconceitos manipulados, nem das evidências negadas. É preciso colocar a atenção primeira no bem do acolher, com justiça, com dignidade, criando autêntica humanização nas condições de vida e de futuro”, pediu D. José Ornelas.

Nos serviços do Santuário de Fátima inscreveram-se para as celebrações de 12 e 13 de julho grupos provenientes de quatro continentes: África, América, Ásia e Europa, representando um total de 63 grupos e 2867 peregrinos. Polónia, Itália e Espanha foram os países com maior número de peregrinos inscritos.



Acólitos do Santuário de Fátima peregrinaram a Roma

No ano em que celebra quatro décadas de existência, o Grupo de Acólitos do Santuário de Fátima foi em peregrinação a Roma, de 21 a 24 de julho.

Participaram 25 elementos do Grupo de Acólitos e dois padres na peregrinação que, por se realizar neste Ano Santo de 2025, teve caráter jubilar.

Em Roma, guiados pelos capelães do Santuário Francisco Pereira e Ronaldo Araújo, visitaram as quatro basílicas: São Pedro, Santa Maria Maior, São João de Latrão e São Paulo Fora de Muros.



Artista partilhou o processo por detrás de obra com impressões digitais de peregrinos

A peça “Lavanda, gomil e toalhas”, que incorpora as impressões digitais de peregrinos e colaboradores do Santuário de Fátima, esteve em destaque na visita temática à exposição “servir, a única pregação”, que aconteceu a 2 de julho.

A visita contou com a presença da autora da obra, Ana Albuquerque, que falou das suas inspirações e da sua filosofia de trabalho. Partilhou ainda uma reflexão sobre a materialidade e imaterialidade presente nas suas criações.



Comitiva de Argenteuil visitou o Santuário de Fátima

Uma comitiva da cidade francesa de Argenteuil foi recebida pelo reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, e visitou diversos espaços celebrativos e museológicos, no dia 19 de julho.

Situada a norte de Paris, Argenteuil celebrou, em maio passado, um acordo de gemação com a cidade de Fátima. Na ocasião, a parceria foi firmada em território francês. Agora, foi a vez de a presidência da câmara de Argenteuil se deslocar a Portugal.

“ A VOZ DO PEREGRINO

A experiência da peregrinação a Fátima contada na primeira pessoa

Na edição deste mês, os peregrinos refletem sobre as suas experiências de visita aos espaços museológicos do Santuário de Fátima.

Sara Francisco com Diogo Marques



“Esta exposição ajuda muito a compreender a mensagem”

“Nesta exposição percebemos a mensagem de Fátima, uma mensagem para o mundo inteiro. O objeto que nos marcou foi a coroa com a bala que atingiu o Papa João Paulo II. Esta exposição ajuda muito a compreender a mensagem ao vermos imagens de 1917, que mostram como eram os Pastorinhos e as pessoas. Somos peregrinos e notamos, nos outros visitantes, muita fé no coração”.

PADRE BOGUSLAW KROK
PADRE TOMAS SIENICKI
Polónia
EXPOSIÇÃO PERMANENTE



“A peça que mais me tocou foi a que representa o lava-pés”

“Optámos por ter uma visita guiada, para uma melhor compreensão. Reparei no púlpito logo à entrada e na instalação do lava-pés, rodeada de água e terra. A exposição tem muitas peças e a que mais me tocou foi, sem dúvida, a que representa o lava-pés. Para mim, tem um significado de fraqueza, de alguém estar a precisar de ajuda, que encontra no lava-pés”.

ROSA MORENO
França
EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
“SERVIR: A ÚNICA PREGAÇÃO”



“É uma casa que transmite paz”

“Já visitei Fátima três vezes, mas foi a primeira vez que vim à Casa da Lúcia. Gostei muito, achei tudo bonito lá dentro; muito bem conservado. Na casa, o quarto da Lúcia foi o que mais me impressionou. Não se consegue explicar, mas saber que ela esteve e viveu ali transmite proximidade. Sinto que é uma casa que transmite paz, tal como estar em Fátima”.

MANUEL CARDOSO
França
CASA DA IRMÃ LÚCIA



“Sinto que a mensagem de Fátima está muito viva”

“A Casa do Francisco e da Jacinta transmite simplicidade. Olhei para o quarto das crianças, pequeno, onde dormiam os sete irmãos. Gostei muito da zona da lareira e imaginei como se reuniam à noite à volta do fogo. A casa mostra-nos a simplicidade da vida de uma família modesta. Sinto que a mensagem de Fátima está muito viva e mantém a base onde nasceram os Pastorinhos”.

JULIETTE BONASSA
LAURENCE DE TELIN
França
CASA DOS SANTOS FRANCISCO
E JACINTA MARTO



“Um amor que não se consegue expressar”

“Já estive aqui como voluntária há muitos anos, ou seja, não é a primeira vez que visito. É sempre aquele misto de emoções, entro na casa e percebe-se que é um lugar diferente. A cama da Jacinta tem um simbolismo porque terá sido o local onde, já doente, mais sofreu. Eu acho que só vindo cá é que sentimos esta paz, um amor que não se consegue expressar”.

MARGARIDA RIBEIRO
EMA RIBEIRO
Braga
CASA DOS SANTOS FRANCISCO
E JACINTA MARTO

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 41 500 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Fotografia: Arquivo do Santuário de Fátima
Revisão: André Pereira e Carla Abreu Vaz
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone: 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt | www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF — Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, 161 | 3020-430 Coimbra

Motociclistas regressam em peregrinação ao Santuário de Fátima

A Bênção dos Capacetes é uma das maiores peregrinações à Cova da Iria. Este ano, realiza-se a 20 e 21 de setembro, novamente com a presidência de D. Rui Valério, patriarca de Lisboa.

Sara Francisco



Milhares de motociclistas de norte a sul do país deslocam-se a Fátima, no fim de semana de 20 e 21 de setembro, para marcar presença na X Peregrinação da Bênção dos Capacetes.

Este ano, a peregrinação assume caráter jubilar por coincidir com o Ano Santo e o programa expandiu-se. Para além da missa dominical das 11h00 no Recinto de Oração do Santuário, habitualmente participada por milhares de motociclistas peregrinos, neste ano festivo o programa alarga-se ao dia anterior, sábado, com os motociclistas a serem convidados a vivenciar todo o fim de semana em Fátima.

D. Rui Valério, patriarca de Lisboa, preside à peregrinação e os motociclistas participam ativamente nas celebrações, nomeadamente no acolhimento de peregrinos, no transporte do andor, no apoio à distribuição da Comunhão, na recitação do rosário e na proclamação das leituras.

Este ano, a novidade do programa é a integração de ativi-

dades que visam aprofundar a relação entre a fé cristã e a segurança rodoviária. É com esse objetivo que, no sábado, dia 20 de setembro, se realiza um colóquio com o tema “A Segurança Rodoviária nos horizontes da Fé”.

O encontro decorrerá entre as 14h30 e as 17h45, no Centro Pastoral de Paulo VI, com participação livre.

Além da abertura e do momento musical no encerramento, o programa do colóquio prevê três palestras: “Nunca vi tanta gente junta nem tanto carro’ (13-08-1917)”: breve história da bênção dos veículos em Fátima, por Luís Miguel Ferraz, investigador do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima; “Guiados pela Fé: uma ética cristã na estrada”, pelo padre Ricardo Figueiredo, diretor do Departamento de Comunicação do Patriarcado de Lisboa; e “Como pode a Igreja ser promotora da segurança rodoviária? Questões específicas e interpelações práticas”, por Pedro Clemente, presidente

da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária.

Com este colóquio, pretende-se assinalar a importância de um esforço conjunto dos diversos setores da sociedade na promoção de atitudes e comportamentos que salvaguardem o bem e a segurança de cada utente da via.

Em 2024, participaram na Peregrinação da Bênção dos Capacetes mais de 180 mil motociclistas.

PROGRAMA DA PEREGRINAÇÃO

20 de setembro

14h30 | Colóquio: “A Segurança Rodoviária nos horizontes da Fé”, no Centro Pastoral de Paulo VI

21h30 | Rosário e Procissão das Velas, na Capelinha das Aparições

21 de setembro

11h00 | Missa, no Recinto de Oração

AGENDA

agosto

13 qua	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA EVOCAÇÃO DA QUEDA DO MURO DE BERLIM
14 qui	VIGÍLIA DA ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA, COM CANTO DO HINO AKATHISTOS
15 sec	ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA – SOLENIDADE
19 ter	ANIVERSÁRIO DA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA NOS VALINHOS

setembro

1 seg	DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO
5 sex	PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS (5-6)
7 dom	ENCONTROS NA BASÍLICA IV
10 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
11 qui	MISSA PARA O ANO SANTO
13 sáb	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA

Mais oportunidades de celebrar aniversário de casamento no Santuário de Fátima

Bodas matrimoniais podem agora celebrar-se também nas missas oficiais ao fim de semana.

Sara Francisco

Os casais que pretenderem celebrar as bodas matrimoniais no Santuário de Fátima têm, a partir de agora, mais ocasiões para o fazer. Os aniversários de matrimónio podem celebrar-se nas missas oficiais ao fim de semana, com exceção do horário das 11h00.

O casal deve apresentar-se ao vigilante-sacristão de serviço, no espaço celebrativo, 15 a 20 minutos antes do início da celebração, para o preenchimento de um formulário e para receber algumas indicações.

Na Igreja, as bodas matrimoniais representam o sinal visível do amor de Deus, pelo que este serviço não comporta qualquer pagamento por parte do casal.

A bênção acontece após a homilia, quando o sacerdote pede aos casais que se aproximem do altar. Começam por ser convidados a orar em silêncio e a renovar diante de

Deus o propósito de viverem santamente o matrimónio.

Após a oração, os casais renovam em silêncio o seu compromisso. Por fim, o sacerdote procede à bênção das alianças e os cônjuges trocam-nas entre si, em silêncio.

A bênção termina com uma oração e com a entrega de uma recordação ao casal por parte do sacerdote. Terminado este momento, a celebração prossegue como habitualmente.

No Santuário de Fátima, celebram-se bodas matrimoniais de 25, 50 e 60 anos de matrimónio nas missas oficiais diárias. As únicas exceções são a missa das 11h00 ao sábado, ao domingo, nos dias santos, no dia 20 [não 2] de fevereiro, no dia 19 de agosto e nos dias 13 de novembro a abril, assim como as manhãs dos dias 13 de maio a outubro.

Em 2024, realizaram-se 565 bodas matrimoniais: 288 de prata, 240 de ouro e 37 de diamante.